

**ALTHUSSER: OS APARELHOS DE ESTADO ENQUANTO ESPAÇOS DE  
DISPUTA.**

ALTHUSSER: STATE'S INSTRUMENTS AS FIELD OF DISPUTE.

**André Ferreira<sup>1</sup>**  
andreferreira@ufpe.br**Alex Lins Ferreira<sup>2</sup>**  
aflins@hotmail.com**RESUMO**

O pensamento pedagógico brasileiro está marcado por várias concepções de mundo, Estado, sujeito, ideologias, etc., que nos permitem situarmos e nos posicionarmos a partir de vários horizontes. Neste sentido, trouxemos para o páreo do nosso trabalho as contribuições do filósofo argelino Louis Althusser (1918-1990). O objeto problemático do presente artigo é tentarmos responder duas questões cruciais sobre o pensamento althussiano, são elas: O pensador em análise se limitou apenas a analisar a dimensão da reprodução da ideologia dominante? O pensador condenou os aparelhos ideológicos de Estado à exclusiva condição de reprodutores da ideologia dominante? Para tentar responder a tais questões, iremos analisar e refletir sobre a concepção de Estado, aparelhos ideológicos de Estado e ideologia presentes no pensamento de Althusser.

**Palavras-chave:** Estado. Aparelho ideológico de Estado. Luta de classes. Ideologia. Resistência.

**ABSTRACT**

Brazilian pedagogical thinking is marked by various conceptions of the world, state, subject, ideologies, etc., which allow us to situate and position ourselves from different horizons. In this sense, we brought the contributions of the Algerian philosopher Louis Althusser (1918-1990) to our work. The problematic object of this article is to try to answer two crucial questions about Arthurian thought, they are: Did the thinker in analysis limit himself only to analyze the dimension of the reproduction of the dominant ideology? Did the thinker condemn state ideological instruments to the exclusive condition of reproducing the dominant ideology? To try to answer these questions, we will analyze and reflect on the concept of the State, ideological instruments of State and ideology present in Althusser's thought.

**Keywords:** State. Ideological Instruments of State. Class Struggle. Ideology. Resistance.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação. Professor PPGE/UFPE.

<sup>2</sup> Professor da Educação Básica do SEE/PE e SEM do Recife (PE). Doutorando em Educação PPGE/UFPE.

## INTRODUÇÃO

As chamadas Teorias Crítico-Reprodutivistas são comumente associadas a pensadores como Establet, Passeron, Bourdieu, Baudelot e outros, porém, talvez seja Louis Althusser o nome mais recorrente quando se faz referência a tais teorias, cujos intelectuais contribuíram para a renovação da sociologia, da filosofia e da teoria pedagógica. No que se refere especificamente a Althusser, é importante salientar que seu trabalho, particularmente ao longo dos anos 1970, tem boa repercussão no Brasil e na América Latina.

Nascido em Argel, no ano de 1918, ainda colônia francesa, Althusser radica-se em Paris, onde viveu até sua morte, em 1990. Lutou na II Guerra Mundial, foi prisioneiro na Alemanha, militou no Partido Comunista Francês e esteve academicamente ligado à Escola Normal Superior.

O presente trabalho tem como objeto problemático as seguintes questões: ao refletir sobre a ideologia, Althusser se limitou apenas a analisar a dimensão de reprodução da ideologia dominante? O pensador condenou os aparelhos de Estado à exclusiva condição de reprodutores mecânicos das relações dominantes, impossibilitando-o de se constituir como um espaço importante na transformação libertadora da sociedade?

Desenvolvendo o texto, trataremos inicialmente da noção de Estado em Althusser para, depois, apresentar a tríade resistência, contradições e luta como chave para nossa compreensão da natureza dos aparelhos de Estado em Althusser.

## O ESTADO E SEUS APARELHOS IDEOLÓGICOS

Influenciado pela tradição marxista, para Althusser (VÁZQUEZ, 1980; CASSIN, 1999), em linhas gerais, o Estado tem prioritariamente um caráter repressor, sendo o instrumento que assegura às classes dominantes a sua dominação sobre a classe trabalhadora; preponderância que é exercida por intermédio dos aparelhos de Estado, que, por sua vez atuam no campo jurídico, político, administrativo e cultural. Contudo, o filósofo distingue “o poder de Estado do aparelho de Estado” (ALTHUSSER, 1985, p.66) esclarecendo que o poder de Estado é o alvo da luta de classes e o aparelho de Estado são os meios e espaços a serem acionados no intuito de tomada do poder de Estado; tendo tomado o poder de Estado, os trabalhadores devem atuar para

“destruir o aparelho burguês existente, substituí-lo em uma primeira etapa por um aparelho de Estado completamente diferente, proletário, e elaborar nas etapas posteriores um processo radical, o da destruição do Estado (fim do poder do Estado e de todo aparelho de Estado)” (ALTHUSSER, 1985, p.66).

Por conseguinte, e coerente com a noção segundo a qual o Estado é prioritariamente repressor, para o filósofo argelino, a finalidade da conquista do Estado por parte da classe trabalhadora é a superação do Estado. E, especificamente influenciado por Gramsci, trabalha com a ideia segundo a qual o poder do Estado não se resume ao aparelho repressor (que o filósofo italiano apontaria como os responsáveis pelo exercício da força coercitiva direta), mas, principalmente aos aparelhos ideológicos de Estado (AIE), correspondentes a um conjunto de instituições da sociedade civil (igrejas, escolas, imprensa e outros) responsáveis pelo engendramento do que Gramsci identificaria como consenso. Em suma, Althusser diferencia os aparelhos segundo sua funcionalidade: o aparelho repressivo do Estado (ARE), como o nome sugere, tem a função prioritária da coação, incluindo a física, tendo como os exemplos mais recorrente o exército e as forças policiais; Contudo, o pensador alerta que estes também precisam funcionar em certa dimensão ideológica, posto que necessitam “garantir sua própria coesão e reprodução como para divulgar os ‘valores’ por eles propostos” (ALTHUSSER, 1985, p.70); Em contrapartida, os aparelhos ideológicos do Estado funcionam prioritariamente no plano da ideologia, porém, lembrando que, assim como os aparelhos repressivos têm uma dimensão ideológica, inversamente, os AIE têm uma dimensão coercitiva, manifesta no plano simbólico: “ a escola, as igrejas ‘moldam’ por métodos próprios das sanções, exclusões, seleções etc., não apenas seus funcionários mas também suas ovelhas. E assim a família...” (ALTHUSSER, 1985, p.70).

Importa destacar, no entanto, que a noção de ideologia apresentada por Althusser difere da proposição de Marx e Gramsci (THERBORN, 1989; GALLO, 2009) haja vista que, para o argelino, a ideologia não se apresenta como um conjunto de representações falsas engendradas intencionalmente pela classe dominante como estratégia da própria dominação, nem tão pouco é um conjunto coeso e sistemático de ideais e pensamentos. A inovação do pensador de Argel é conceber a ideologia como uma prática social de produção de representação, assim, não cabe mais a noção de um conjunto unificado de ideias, a “ideologia”, mas numa diversidade de conjuntos de ideias que não estão estabelecidos na mente dos indivíduos, como que conhecimentos adquiridos, porém, pensamentos que o atravessam.

Tendo por base uma das teses características do pensamento marxista segundo a qual a infraestrutura econômica é determinante sobre a superestrutura ideológica, o filósofo (ALTHUSSER, 2008) defende que a exploração do trabalho imposta às classes trabalhadoras é o fator determinante da repressão, donde, podemos supor que a repressão é a realização política e cultural da exploração do trabalho; Desta forma, segundo o argelino, a repressão é um fator secundário, pois, as relações de produção capitalistas, que são relações de exploração, são o que a determina; Por conseguinte, o próprio Estado é determinado pelas relações de produção/exploração, pois, é o Estado o “centro último de onde irradiam todas as formas de repressão, seja sob a forma de repressão do ARE, repressão física direta (polícia, forças armadas, tribunais, etc.) ou indireta (administração) e todas as formas do submetimento ideológico dos AIE” (ALTHUSSER, 2008, p.151).

Diante do exposto, surge o seguinte questionamento: se todos os aparelhos de Estado estão aparentemente condenados a reproduzirem o poder do capital, onde estaria então, a possibilidade de uma ação estratégica e intencional por parte da classe trabalhadora em confronto e luta contra o Estado e versus o próprio sistema capitalista? Em outras palavras, se a realidade política e cultural é determinada pela realidade da exploração, como se poderia engendrar modos alternativos de ação política e cultural em confronto àquelas determinadas pela exploração capitalista em vigência?

Para responder a essas questões, que estão diretamente ligadas à problemática posta para este texto, conforme escrito no início deste trabalho, deve-se salientar que perguntar pela possibilidade de ações estratégicas e intencionais dos trabalhadores e pela possibilidade de se engendrar novos modos de ação política e cultural que desafiem a exploração capitalista, corresponde a perguntar se a vida em sociedade, mesmo na capitalista, pode gerar outros modos de ideologia, isto é, perguntar se, mesmo na sociedade capitalista, há elaborações ideológicas que não sejam a reprodução da ideologia dominante? Questão que está atrelada a reconhecer, ou não, os aparelhos de Estado como reprodutores mecânicos das relações dominantes, a ponto de impossibilitá-los de se constituir como um espaço de luta.

## **RESISTÊNCIA, CONTRADIÇÕES E LUTA**

Respondendo ao universo problemático acima exposto, Althusser defende que a luta de classes se dá no interior dos aparelhos de Estado, em especial nos AIE.

Inicialmente, é importante destacar que o filósofo salienta que os AIE são palcos de disputa, inclusive incorporando atores das classes trabalhadoras, por conseguinte não são, necessariamente, espaços de reprodução mecânica da ideologia dominante. Neste sentido, a análise de Althusser sobre “aparelhos ideológicos de Estado” não se limitou apenas à denúncia destes como instrumentos da reprodução da ideologia dominante.

[...] A classe (ou aliança de classes) no poder não dita tão facilmente a lei nos AIE como no aparelho (repressivo) de Estado, não somente porque as antigas classes dominantes podem conservar durante muito tempo fortes posições naquelas, mas porque a resistência das classes exploradas pode encontrar o meio e a ocasião de expressar-se neles, utilizando as contradições ou, conquistando pela luta, posições de combate (ALTHUSSER, 1985, p. 72).

Sendo os AIE palcos de disputa, temos que o Estado e o conjunto de seus aparelhos também não são um mecanismo absolutamente fechado e hermético. Pois, segundo o que nos sinaliza o pensador, não se pode perder de vista que o Estado, por ser determinado pelas relações de produção/exploração, é expressão da própria luta de classes: ele não é uma entidade ahistórica. De tal forma que, a coerção exercida por parte do Estado e seus aparelhos não pode ser descontextualizada do ambiente de luta e disputa entre as classes, que, por sua vez, é forjada e forja as contradições inerentes à realidade social. O autor afirma,

Com efeito, o Estado e seus aparelhos, só tem sentido do ponto de vista da luta de classes, enquanto aparelho da luta de classes mantedora da opressão de classes e das contradições da exploração e sua reprodução. Não há luta de classes sem classes antagônicas. Quem diz luta de classe da classe dominante diz resistência, revolta e luta de classe de classe dominada (ALTHUSSER, 1985, p. 106).

Assim, três categorias se destacam: resistência, revolta e luta de classes. Althusser chama a atenção para a importância da atuação efetiva da classe operária, da experiência e das práticas sociais desta mesma classe, salientando que a derrubada do chamado Estado burguês não se daria sem uma árdua luta de classe operária, não sendo nem “o efeito de um simples raciocínio lógico, nem de um simples esgotamento do antigo sistema das relações de produção capitalista” (ALTHUSSER, 2008, p. 174), apontando o protagonismo intencional das massas trabalhadoras no que tem que ser pensado como “uma guerra de classe de longa duração” (ALTHUSSER, 2008, p. 174). Destarte, o pensador não tira da classe trabalhadora seu papel de sujeito ativo nos processos de transformações históricas, pois, é decorrente de sua resistência,

revolta e luta que se esgarçariam as estruturas de dominação, não de uma mera falência e envelhecimento do sistema das relações capitalistas, que sugeriria uma aleatória e não intencional oposição ao capitalismo e a impotência da classe trabalhadora em conduzir seu papel histórico.

Importa destacar que Althusser não retira da classe trabalhadora seu protagonismo histórico e nem condena os aparelhos de Estado à reprodução das relações dominantes, pelo contrário, propõe que tais espaços são passíveis de se constituírem como lugares de luta de libertação (VÁZQUEZ, 1980). Desta forma, seria incorreto considerá-lo como um pessimista diante da emancipação da classe operária ou criticá-lo por não ter proposto teorias ou estratégias de superação da dominação de classe (CASSIN, 1999). Pois, Althusser não deixa de destacar que, em termos efetivos e estratégicos, a luta dos trabalhadores se dá no interior mesmo dos AIE.

[...] os AIE podem não apenas ser os meios mas também o lugar da luta de classes[...] não somente porque as antigas classes dominantes podem conservar durante muito tempo fortes posições naqueles, mas porque a resistência das classes exploradas pode encontrar meio e ocasião de expressar-se neles, utilizando as contradições existentes ou conquistando pela luta posições de combate (ALTHUSSER, 1985, p. 71- 72).

O autor francês está afirmando que existe a possibilidade destes mesmos AIE serem também um dos possíveis espaços fomentadores da transformação. Pois, as ideologias não nascem dentro dos aparelhos: sinalizando a possibilidade de que estes podem ser atravessados por ideologias distintas daquelas que servem aos interesses da classe dominante. Neste contexto, escreve ele:

[...] a luta de classes nos AIE é apenas um aspecto de uma luta de classes que ultrapassa os AIE. Certamente a ideologia que uma classe no poder torna dominante em seus AIE se “realiza” nestes AIE, mas ela os ultrapassa, pois ela não se origina neles. Da mesma maneira a ideologia que uma classe dominada consegue defender dentro e contra os AIE os ultrapassa pois vem de outro lugar (ALTHUSSER, 1985, p. 106-107).

A ideologia dominante que está presente nos AIE não são geradas neles, ela faz parte de um conjunto de ideologias, as ideologias de Estado. Em contrapartida, as ideologias dos sujeitos sob dominação pode resistir às imposições da ideologia dominante no interior dos AIE. As ideologias dos sujeitos sob dominação não são determinadas pelas ideologias circulantes

nos AIE, lembrando que as ideologias em geral (dos dominantes e das classes trabalhadoras) não são produzidas nos AIE. Portanto, sendo oriundas das experiências, da organização política e das práticas sociais da classe trabalhadora, as ideologias dos sujeitos sob dominação também podem disputar estrategicamente o controle dos AIE. Sobre a importância estratégica e intencional em se conduzir as ações de luta da classe trabalhadora, Althusser afirma:

Como eles [os AIE] realizam a existência da ideologia de Estado, mas de forma desordenada (sendo cada um, relativamente, autônomo), como funcionam por meio da ideologia, é no âmago deles e de suas formas que se desenrola uma boa parte da guerra de longa duração como é a luta de classe que pode chegar a derrubar as classes dominantes, isto é, desapossar as classes dominantes do poder de Estado que elas detêm. (ALTHUSSER, 2008, p. 176).

Porém, o autor também deixa claro que o embate nos aparelhos de Estado têm naturezas distinta, relativas à própria distinção entre os aparelhos. Ele reforça que, pelo menos no âmbito dos AIE, a reprodução da ideologia dominante não está garantida. Posto que, mesmo não seja neles que se deem as grandes rupturas em relação a ordem vigente, ou seja, mesmo que não seja neles que se engendre configurações ideológicas contradominantes, é em meio a disputa nos AIE que as classes populares se constituem como sujeitos da transformação. Neste sentido, aponta:

Todos nós sabemos que a luta de classes no Aparelho repressor de Estado, na polícia, nas forças armadas e, até mesmo, na administração constitui, em tempo “normal”, senão uma causa praticamente perdida, pelo menos uma operação muito limitada. Em compensação, a luta de classes nos Aparelhos ideológicos de Estado é uma coisa possível, seria e pode ir muito longe porque é nos aparelhos ideológicos de Estado que os militantes e, em seguida, as massas adquirem experiência política antes de “levá-la até o fim.” (ALTHUSSER, 2008, p. 176).

A despeito de ser antagônica a ideologia burguesa, a ideologia proletária não está imune às interpelações desta última. Daí, para mitigar o poder de formulação de consenso em torno dos interesses dominantes, isto é, para evitar que sua ideologia seja colonizada pela ideologia dominante, é imprescindível a organização e ação política constante da classe operária.

Althusser (1985) comenta que, diante do domínio do Estado burguês e das implicações das coerções encaminhadas pela ideologia dominante, a conquista da autonomia classe trabalhadora só pode se dar pela libertação da ideologia dominante, que, significa em termos práticos, demarcar as diferenças entre as ideologias dominantes e as ideologias da classe

trabalhadora, haja vista que, é em decorrência dessa demarcação que novas formas de organização e de ação serão efetivadas e produzidas pela classe popular em expressão de sua própria ideologia: a ideologia da classe trabalhadora; o filósofo segue destacando que essas formas de organização e ação da classe proletária se realizam no decorrer de uma luta de grande abrangência, que leva em consideração os vários modos da dominação burguesa e os respectivos modos de combatê-la; lembrando que essa variedade de modos de dominação é correlata à própria diversidade dos aparelhos que se prestam a realizar a ideologia dominante.

Assim, a transformação da sociedade, corresponderia à transformação desses aparelhos, pois, ao deixarem de realizar a ideologia que os engendrou, assumiriam outra forma real (VÁZQUEZ, 1980). Por exemplo, podemos pensar que a escola é um AIE que tem que ser disputado na luta ideológica, mas, sem se perder de vista que, no advento da transformação das relações de dominação, a escola, enquanto um aparelho forjado sob certa ideologia dominante, assumiria outra forma quando da emergência hegemônica da ideologia da classe trabalhadora. No que se refere à escola e conseqüentemente à educação, o pensamento althusseriano faz uma crítica ao sistema capitalista e seus aparelhos ideológicos de Estado sem, no entanto, negá-los como um espaço das lutas da classe trabalhadora, nos quais se possa combater e resistir à ideologia dominante.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo como objeto problemático uma possível limitação das reflexões de ideologia em Althusser à mera dimensão da reprodução da dominação e a condenação das instituições de governo (exército, fiscalização tributária, polícia) e instituições da sociedade civil, tais como, por exemplo, igrejas, escolas, imprensa (os aparelhos repressivos e os aparelhos ideológicos de Estado) à condição de reprodutores exclusivos das relações dominantes, vimos que, para Althusser, o próprio Estado é determinado pelas relações de produção/exploração e, conseqüentemente, é também expressão da luta de classes. Neste sentido, a ação de seus aparelhos não pode ser desconectada do ambiente de disputa entre as classes; também assinalamos que, segundo o filósofo, a luta de classes tem por meta o poder de Estado e que os aparelhos de Estado são os instrumentos acionados na dinâmica de luta pelo poder de Estado.



Em suma, a luta de classes também se dá nos próprios aparelhos de Estado. Por conseguinte, estes não estão condenados à serem exclusivamente espaços de reprodução das ideologias dominantes.

Tratou-se ainda de registrar que, para Althusser, as ideologias dominantes presentes nos aparelhos de Estado não são produzidas nos aparelhos e que tais aparelhos não têm uma funcionalidade exclusiva: os aparelhos repressivos têm uma natureza ideológica e os aparelhos ideológicos também manifestam, no plano simbólico, uma natureza coercitiva.

Assim, diante do fato ter elaborado sua teoria sobre as ideologias levando em conta as várias fontes de produção de ideologias com suas respectivas diversidades de sentidos, defendemos ser equivocado atribuir ao filósofo argelino reflexões que limitam a ideologia à dimensão da reprodução da dominação, pelo fato mesmo do referido pensador não tratar de ideologia, mas, de ideologias.

Decorrente das reflexões aqui expostas, podemos inferir que a luta nos aparelhos de Estado não surte efeito se não impactar nos mecanismos de exploração do trabalho. Pois, não esqueçamos que, segundo o filósofo, a repressão é decorrência da exploração.

Althusser fez uma crítica profunda à sociedade capitalista, negando a esta qualquer interesse em termos de uma sociedade igualitária. Assinalou que o Estado está a serviço da classe dominante e o legitima. Todavia, não se deve afirmar que fora um determinista e nem tampouco pessimista. Althusser pela sua própria práxis como militante acreditava no movimento do movimento, ou seja, analisando o movimento que acontece nos aparelhos ponderou sobre os modos da libertação da classe trabalhadora.

Não nega que uma possível libertação da classe trabalhadora acontece mediante as lutas de classes travada nas organizações políticas, nas relações de produção e nos conflitos e tensionamentos provocados nas suas práticas sociais e experiências historicamente situadas, contudo, não se ilude em pensar que a superação ideológica da dominação se dará sem a superação da exploração inerente às relações de produção no capitalismo.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. 1980. A filosofia como arma da revolução. In: Posições 2. Trad. Rita Lima. Rio de Janeiro: Edições Graal, pp. 151-165.

\_\_\_\_\_. 1985. Aparelhos ideológicos de Estado. Trad. Walter José Evangelista; Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal.

\_\_\_\_\_. 2008. Sobre reprodução. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes.

CASSIN, M. 1999. Louis Althusser: o ressurgimento de um desaparecido. In: Impulso: Revista de Ciências Humanas. Piracicaba-SP: Editora Unimep. V.11. n.24, p. 111-126.

GALLO, S. 2009. **Subjetividade, ideologia e educação**. Campinas: Alínea.

THERBORN, Göran. 2012. **Do marxismo ao pós-marxismo?** Trad. Rodrigo Nobile. São Paulo: Boitempo.

VÁZQUEZ, A. S. 1980. Ciência e revolução: o marxismo de Althusser. Trad. Heloísa Hahn. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.